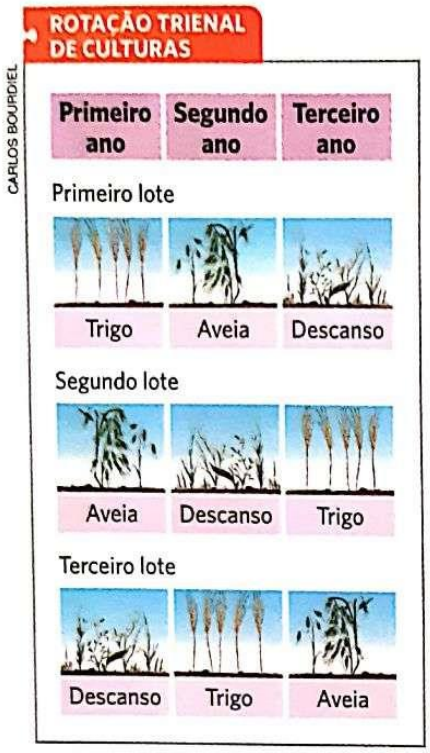
EMEB. AMÉLIO DE PAULA COELHO

Atividade Domiciliar 02 – Semana de 11 à 15 de maio de 2020 – Distanciamento Social Covid19
Componente Curricular – **HISTÓRIA** – Professores: Luciana, José e Lucas – *7º anos*

Unidade Temática: O mundo moderno e a conexão entre sociedades.
Objetos de Conhecimento: A construção da ideia de modernidade e seus impactos na concepção de História; A ideia de "Novo Mundo" ante o Mundo Antigo: permanências e rupturas de saberes e práticas.
Habilidades Currículo Paulista: (EF07HI04) Identificar as principais características dos Humanismos e dos Renascimentos, analisar seus significados.

ORIENTAÇÕES:

- ✓ Assistir a vídeo-aula, ler esse material e os slides com bastante calma e atenção;
- ✓ **No caderno, à caneta, elaborar um resumo, de no mínimo 90 linhas do tema;**
- ✓ **Copiar e responder as perguntas(que estão no final) no caderno;**
- ✓ Alunos com acesso a impressora, podem imprimir esse material e colar no caderno.
- ✓ Dúvidas estamos à disposição!!!



Fonte: FRANCO JÚNIOR, Hilário. *O feudalismo*. 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987. p. 62-78.

As inovações agrícolas

A partir do século XI, a Europa medieval passou por profundas transformações, iniciadas principalmente com o desenvolvimento de novas técnicas agrícolas que aumentaram a produção de alimentos. Uma dessas inovações foi a **charrua**, uma espécie de arado feito de ferro. Ela penetrava profundamente na terra, aumentando a oxigenação e a fertilidade do solo.

Outra inovação importante ocorreu na forma de atrelamento dos animais utilizados nos campos. Os arreios não eram mais presos ao pescoço do animal, mas a seus ombros e dorso. Essa mudança permitiu distribuir melhor o peso dos arados e acabou com o risco de sufocar cavalos e bois.

Nesse período também foi introduzida a **rotação trienal de culturas**. A técnica consistia em dividir o solo em três partes para o cultivo de cereais e leguminosas, com o objetivo de evitar o esgotamento da terra (veja a ilustração ao lado).

Essas inovações técnicas, somadas às mudanças do clima, que se tornou mais quente e seco em algumas regiões da Europa, permitiram aumentar a produção de leguminosas, como ervilha, lentilha, feijão e grão-de-bico. A dieta da população tornou-se mais variada e, portanto, mais nutritiva. Bois, cabras e carneiros também passaram a alimentar-se melhor, o que fez crescer os rebanhos e a produção de carne, leite e lã. Dessa forma, o medo da fome diminuiu e as pessoas ficaram mais resistentes às doenças, reduzindo os índices de mortalidade. O aumento da produção de alimentos e o crescimento populacional favoreceram a expansão do comércio e das cidades.

ção proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Digitalizado com CamScanner

O revigoramento comercial e urbano

Como estudamos no capítulo 11, na Europa feudal os senhorios tendiam a produzir quase todos os artigos necessários à sobrevivência dos moradores. Assim, a princípio, o comércio era uma atividade secundária. Por isso, o Mar Mediterrâneo, que foi essencial para o comércio entre o Ocidente e o Oriente na Antiguidade, perdeu certa importância.

A maior parte das trocas comerciais era feita nas proximidades dos castelos, com uso restrito de dinheiro. Prevalecia o **escambo**, ou seja, a troca direta de produtos. O excedente produzido pelos camponeses, como cereais, leite e carne, era trocado por calçados, tecidos, utensílios domésticos e outros produtos. Havia também um tímido **comércio a longa distância**, principalmente de artigos de luxo provenientes do Oriente. Esses produtos eram consumidos pelo alto clero e pelos aristocratas.

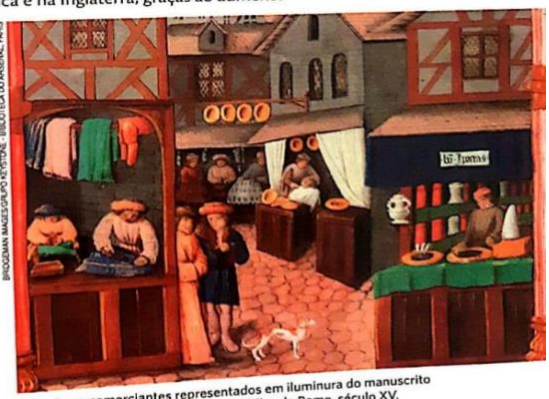
Com o crescimento populacional decorrente das inovações agrícolas, houve um aumento da mão de obra para o trabalho nos campos. Assim, parte da população buscou novas áreas agrícolas para cultivar ou migrou para as cidades. Localizadas nas proximidades de rios ou de estradas frequentadas por comerciantes, várias cidades logo começaram a crescer. O grande aumento da produtividade nos campos gerou um excedente que também abastecia a população urbana.

A produção de tecidos e o artesanato tiveram grande desenvolvimento nos centros urbanos, especialmente em Flandres (parte da atual Bélgica), na Península Itálica e na Inglaterra, graças ao aumento da produção de lã. Outro setor que ganhou impulso foi o da construção civil. Aproveitando a oferta de mão de obra originária dos campos, muitas catedrais, muralhas e casas foram construídas, assim como palácios e hospitais.

As moedas tornaram-se o principal meio de pagamento, tanto na compra e venda de produtos quanto na remuneração dos trabalhadores. Como resultado desse dinamismo comercial, muitas cidades cresceram e prosperaram. Porém, embora tenham aparecido cerca de 140 cidades novas no Ocidente entre 1100 e 1300, o mundo feudal era ainda essencialmente agrário: apenas 15% de toda a população europeia vivia nas cidades.

Recapitulando — Responda em seu caderno

1. Cite e descreva duas inovações técnicas ocorridas na agricultura europeia ao longo da Baixa Idade Média.
2. De que modo as inovações agrícolas contribuíram para o desenvolvimento do comércio e das cidades?



BRIDGEMAN IMAGES/GRUPO KEYSTONE - BIBLIOTECA DO ARSENAL, PARIS

Artesãos e comerciantes representados em iluminura do manuscrito *Livre du gouvernement des princes*, de Gilles de Rome, século XV. Biblioteca do Arsenal, Paris, França.

Digitalizado com CamScanner

QUENTIN METSYS - MUSEU DO LOUVRE, PARIS

O banqueiro e sua mulher, pintura de Quentin Metsys, 1514. Museu do Louvre, Paris, França.

A expansão do comércio terrestre e marítimo

O comércio europeu teve um grande crescimento a partir do século XI. As trocas comerciais terrestres passaram a se concentrar nas **feiras** – mercados temporários organizados anualmente em locais preestabelecidos –, que atraíam comerciantes de várias regiões da Europa e do Oriente. Nessas feiras circulavam tanto mercadorias produzidas localmente quanto produtos de outras regiões.

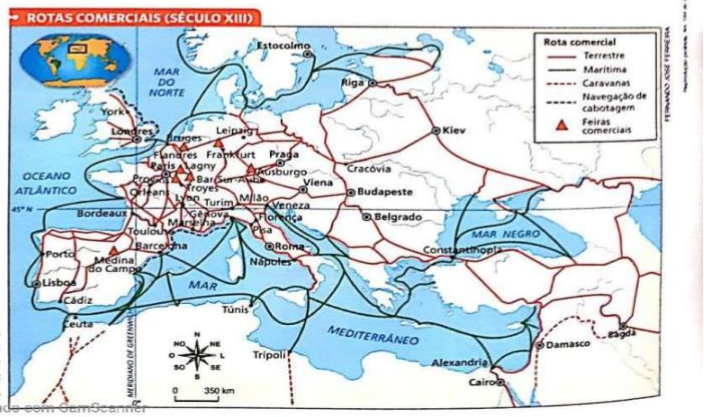
Os mercadores que se dedicavam ao comércio marítimo comercializavam produtos raros na Europa cristã, como especiarias, seda e marfim. Os dois principais eixos comerciais marítimos do século XI situavam-se no **Mar Mediterrâneo**, comandado por genoveses e venezianos, e no **Mar do Norte**, sob controle germânico. O comércio no Mediterrâneo ligava as cidades italianas de Veneza, Gênova e Nápoles às cidades no norte da África como Túnis, Trípoli, Alexandria e Cairo, e às cidades da Ásia como Constantinopla (veja o mapa a seguir).

O crescimento do comércio tornou mais frequente o uso de moedas. Como até então cada senhorio cunhava suas próprias moedas, elas geralmente tinham formato e peso diferentes. Nesse contexto surgiram os negociantes especializados em avaliar e trocar as moedas: os **cambistas**.

Cada vez mais a atividade desses negociantes foi se aprimorando para atender às necessidades do comércio de longa distância. Por ser arriscado transportar muitas moedas em longas viagens, os cambistas passaram a fornecer cheques e **letras de câmbio** e a emprestar dinheiro aos mercadores, mediante a cobrança de juros. Surgia, assim, a figura do **banqueiro**.

Letra de câmbio: documento que podia ser trocado por dinheiro em certas casas bancárias. Ele evitava que os mercadores transportassem grandes quantias de dinheiro em suas viagens.

ROTAS COMERCIAIS (SÉCULO XIII)



Fonte: DUBY, Georges. *Atlas historique mondial*. Paris: Larousse, 2003. p. 66-55.

Digitalizado com CamScanner

A formação da burguesia

Aos poucos, as feiras de mercadores tornaram-se permanentes, e várias delas deram origem a cidades ou ajudaram a revitalizar aquelas pouco habitadas. As cidades recebiam o nome de **burgos** e seus moradores eram chamados de **burgueses**. Algumas cidades se desenvolveram dentro de domínios senhoriais e por isso deviam obrigações aos senhores, como o pagamento de taxas pelo uso de pontes e estradas.

Para escaparem das obrigações senhoriais, as cidades passaram a reivindicar autonomia. Muitas entraram em conflito com os senhores, formando os chamados **movimentos comunais**. Depois de longos embates, senhores e comunas entraram em um acordo por meio das **Cartas de Franquia** ou **Cartas Comunais**. Esses documentos garantiam a liberdade das cidades mediante um pagamento como indenização aos senhores. Em alguns casos, as cidades não pegaram em armas, mas firmaram cartas de compromisso com os senhores. Por meio delas, os burgueses comprometiam-se a pagar impostos ao senhor para poder desenvolver livremente suas atividades econômicas, bem como ter o direito de administrar a cidade.

Muitos servos, sem trabalho no campo e descontentes com a cobrança de numerosas taxas nos senhorios, viram nas cidades a oportunidade de desenvolver novas atividades e escapar dos encargos feudais. O número de habitantes nas cidades cresceu rapidamente sem a infraestrutura necessária, o que gerou diversos problemas urbanos, como a falta de saneamento e de limpeza das ruas.

Digitalizado com CamScanner

Mestre, carpinteiro e pedreiro, iluminura retirada da obra *Da propriedade das coisas*, de Bartolomeus Anglicus, 1482. Biblioteca Britânica, Londres. Essa imagem representa um mestre de ofício julgando o trabalho de dois aprendizes.

As corporações de ofício

No campo existiam basicamente dois grupos sociais: o dos senhores feudais e o dos camponeses. Nas cidades, porém, havia uma diversidade social maior. Para atenderem às necessidades da população urbana em crescimento, surgiram novas atividades econômicas.

Os grandes mercadores e banqueiros eram os burgueses mais ricos e poderosos das cidades. A maior parte da população urbana, contudo, era formada por artesãos e pequenos comerciantes.

Os artesãos de uma mesma cidade ou de um mesmo ramo de trabalho, como os de ferreiro, padeiro, sapateiro ou alfaiate, uniam-se em associações chamadas **corporações de ofício**. Essas corporações controlavam a produção, os preços e a distribuição dos produtos das oficinas.

Os donos das oficinas eram os **mestres de ofício**, que detinham a propriedade das ferramentas e da matéria-prima, além de serem responsáveis pela contratação de trabalhadores e pela fixação de salários. Os **oficiais** trabalhavam para eles e recebiam remunerações maiores pela execução do trabalho, visto que possuíam bastante experiência profissional.

Os trabalhadores contratados para executar atividades por jornada, ou seja, por dia, eram chamados de **jornaleiros**. Eles formavam a maior parte dos trabalhadores das oficinas. Havia também os **aprendizes**, jovens que ingressavam nas oficinas, com idade entre 10 e 12 anos, para aprender o ofício de mestre. Eles recebiam moradia e comida em troca do aprendizado do trabalho.

Digitalizado com CamScanner

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

O ensino na Baixa Idade Média

O crescimento populacional ocorrido na Europa a partir do século XI também levou ao surgimento das primeiras escolas urbanas. Isso ocorreu porque se tornou necessário um número maior de pessoas que soubessem ler e escrever para administrar ou participar das atividades que cresciam nas cidades. Por exemplo, havia a necessidade de pessoas capacitadas para escrever cartas, cuidar da contabilidade dos negócios e administrar os lucros.

O clero católico ainda dirigia a maior parte das escolas. Algumas delas deram origem a universidades, como a de Bolonha, na Península Itálica, a primeira a ser criada em 1088.

Os alunos ingressavam nas universidades por volta dos 14 anos. Após seis anos de estudo básico em gramática, retórica e lógica, o estudante poderia optar por três carreiras: direito, medicina ou teologia, o que poderia exigir ainda mais quinze anos de estudo.

Ao longo do século XIII, as universidades europeias sofreram grande influência de pensadores muçulmanos, como Averróis e Avicena, que tinham como base de seus estudos a filosofia e a tradição gregas.

A **Escolástica**, corrente de pensamento surgida no século IX, também ganhou força na Baixa Idade Média. Os escolásticos procuravam conciliar fé e razão, ou seja, buscavam explicar Deus e as obras divinas de maneira racional, colocando a filosofia e a ciência a serviço da fé. Um dos principais representantes desse pensamento filosófico foi São Tomás de Aquino.

Digitalizado com CamScanner

Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

A crise do século XIV

Após uma fase de expansão comercial e de crescimento econômico e demográfico, no século XIV praticamente toda a Europa enfrentou uma grave crise econômica e social, que iniciou o declínio do feudalismo. Um período marcado por catástrofes climáticas, queda da atividade econômica, guerras prolongadas, tensões sociais e grandes epidemias.

A grande fome

No século XI, a produção de alimentos aumentou graças à introdução de novos equipamentos, ao aprimoramento de técnicas agrícolas e à expansão da área cultivável. Novas áreas de cultivo foram criadas onde antes só havia campos para pastagem. Além disso, houve o desmatamento de enormes áreas para dar lugar às plantações de cereais.

É possível que esse desmatamento tenha contribuído para alterar as condições climáticas e o regime de chuvas do continente europeu. Chuvas muito fortes causaram terríveis inundações, que prejudicaram as colheitas. Na safra de 1314-1315, o preço do trigo, principal cereal consumido pela população, subiu violentamente, aumentando os gastos das famílias com alimentação. Especuladores que tinham algum trigo estocado vendiam a mercadoria a preços altíssimos. Em pouco tempo, a subnutrição e a fome causaram milhares de mortes.

Digitalizado com CamScanner

Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Ilustração que representa pessoas infectadas pela peste negra, retirada da *Bíblia Toggenburg*, 1411. Museu de Gravuras e Desenhos, Berlim, Alemanha.

A peste negra

A "peste negra" é uma doença altamente contagiosa causada pela bactéria *Yersinia pestis*, comum entre roedores, como ratos e esquilos. Ela pode ser transmitida ao ser humano por meio de pulgas contaminadas. A doença teria vindo da Ásia para a Europa em barcos venezianos e genoveses. A falta de higiene contribuiu para a rápida proliferação da enfermidade. Os sintomas eram terríveis: febre alta, delírios, manchas escuras e inchaços pelo corpo.

Para agravar o quadro, a subnutrição enfraqueceu o sistema imunológico dos europeus, o que contribuiu para que a morte dos doentes fosse ainda mais rápida. As maiores vítimas da epidemia foram os habitantes das cidades e dos mosteiros, locais de grande aglomeração de pessoas. A fome já havia provocado a diminuição da população europeia, e a peste agravou ainda mais a situação (veja a tabela ao lado). Entre os meses de junho e setembro de 1348, estima-se que um terço da população de toda a Europa tenha sido dizimada pela peste e pela fome.

POPULAÇÃO EUROPEIA (SÉCULOS XIII-XVII)

Ano	Milhões de habitantes
1300	50
1400	35
1500	48
1600	55
1700	72

Fonte: FRANCO JÚNIOR, Hilário. *Feudalismo*: uma sociedade religiosa, guerreira e camponesa. São Paulo: Moderna, 1999. p. 61.

Saiba mais

A medicina na Idade Média

Na Alta Idade Média, o conceito de doente não se referia apenas às pessoas que tinham algum problema de saúde, mas também às que viviam na pobreza. Com o tempo, essa distinção ficou mais clara e passou-se a se preocupar cada vez mais com o bem-estar físico. A Igreja, a princípio, administrava os lugares que começavam a se delinear como hospitais.

Aos poucos, uma nova mentalidade também começou a se formar entre os medievais, que passaram a ver as doenças não apenas como castigos divinos, mas, em alguns casos, como fenômenos naturais também. Assim, para tratar certas enfermidades, além das preces e dos exorcismos, os medievais recomendavam dietas e terapias à base de misturas de substâncias. Eles também recorriam aos cirurgiões-barbeiros, que tinham habilidades em cortar cabelo e fazer pequenas cirurgias. Com o tempo, difundiram-se as boticas, as enfermarias e os banhos públicos.

A partir do século XIII, com o surgimento das universidades e do ensino de medicina, os estudos sobre o corpo humano na Europa receberam grande atenção dos intelectuais. A medicina estava muito ligada à filosofia e à astronomia. O contato dos cristãos com os tratados médicos muçulmanos, proporcionado pelas Cruzadas, foi essencial para o desenvolvimento da medicina ocidental.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Digitalizado com CamScanner

Revoltas nos campos e nas cidades

No campo, a crise econômica e a redução demográfica tiveram duas consequências opostas. Em algumas regiões, camponeses ocuparam terras despovoadas e, assim, escaparam da servidão. Em outros lugares, muitos senhores, para recuperar seus ganhos, tentaram reforçar os laços de dependência camponesa, retomando a cobrança de antigas taxas e impostos senhoriais. Essa situação de exploração extrema provocou a reação dos camponeses, que promoveram diversas revoltas na segunda metade do século XIV.

Na França, destacou-se a ***jacquerie***, em 1358, que expressou o desespero dos camponeses daquele reino. Os rebeldes saquearam e queimaram castelos, além de assassinar famílias nobres. A repressão ao movimento foi igualmente violenta. Estima-se que cerca de 20 mil camponeses tenham morrido durante os conflitos.

O peso das tributações também provocou a reação de camponeses ingleses, que, em 1381, revoltaram-se em várias cidades. Em Londres, houve saques e destruição de palácios e prédios públicos. O rei Ricardo II negociou a paz com os rebeldes, mas, quando o movimento se dispersou, ele anulou todos os termos negociados e puniu com violência os camponeses.

Na área urbana, a crise provocou o fechamento de muitas corporações de ofício e reforçou o poder dos proprietários, que reduziram drasticamente os salários dos trabalhadores. Os baixos salários e a alta de preços e impostos causaram várias rebeliões. Entre 1366 e 1384, em Auvergne e no Languedoc, no sul da França, artesãos arruinados e trabalhadores descontentes uniram-se aos camponeses, formando grupos armados que ficaram conhecidos como *Tuchins*.

Digitalizado com CamScanner

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

A desestruturação do feudalismo

A crise econômica afetou a produção de tecidos de luxo, mas a de tecidos mais simples, feitos de algodão, ganhou importância crescente. As terras destinadas à agricultura diminuíram, cedendo lugar para a criação de animais, principalmente ovelhas, de manejo mais simples e mais barato.

Muitos camponeses puderam ocupar campos desabitados ou comprar pequenos lotes de terra e dedicar-se à criação de animais. Aos poucos, eles também passaram a integrar o clero, constituído anteriormente apenas por membros da aristocracia.

O feudalismo desestruturava-se. Muitos senhores feudais, que conservavam sua posição social e seus privilégios, contraíam empréstimos de burgueses e acabavam arruinados. Interessados em unificar pesos, medidas e moedas e em eliminar as taxas feudais, os burgueses apoiaram os reis no processo de centralização do poder político.

Digitalizado com CamScanner

ATIVIDADES DE FIXAÇÃO:

1. Cite as inovações agrícolas que surgiram na Europa a partir do século XI;
2. Quais as consequências geradas por essas novas técnicas agrícolas?
3. De que formas as cidades e o comércio passaram a se desenvolver nessa época?
4. Por que surgiram os banqueiros?
5. Quem eram os burgueses?
6. O que eram as corporações de ofício e para que serviam?
7. Como era o ensino na Baixa Idade Média?
8. Explique os motivos que levaram à Europa a grande crise do século XIV:
9. O que é peste negra?
10. O que foram as Revoltas Camponesas?
11. Com suas palavras, explique como se deu a desestruturação do feudalismo: